

Handwritten signatures and initials in black and blue ink.

FOREX - ACI PORTUGAL – ASSOCIAÇÃO DOS MERCADOS FINANCEIROS

Relatório e Contas

Exercício de 2016

1. Conjuntura Internacional

A manutenção dos programas de *Quantitative Easing* levados a cabo pelos bancos centrais europeu e norte-americano relevou para o espectro político as principais condicionantes da economia durante 2016. Com principal relevância poder-se-á referir a decisão do Reino Unido deixar a União Europeia (EU), na sequência dum referendo levado a cabo em 23 de junho, e a eleição do Donald Trump para presidente dos Estados Unidos da América.

A saída do Reino Unido da União Europeia, comumente designada por *Brexit*, afeta, sobretudo, a Europa. Logo que as autoridades britânicas deram nota da sua intenção de respeitar o resultado do referendo, surgiu uma troca de palavras entre Londres e Bruxelas, exprimindo posições contraditórias em matérias tão importantes como: (i) um novo acordo comercial que substituiria a atual inclusão do Reino Unido no Mercado Único, sob pena de ter de ceder às regras da Organização Mundial do Comércio, (ii) o tema da livre circulação de pessoas, quer no que diz respeito à permanência de cidadãos europeus no Reino Unido, quer aos direitos de residência de britânicos em países da UE, (iii) até que ponto se manterão as atuais responsabilidades do Reino Unido para com a UE, nomeadamente no que toca à sua contribuição para o orçamento da EU, e, (iv) facto especialmente relevante para os mercados financeiros, até que ponto Londres se poderá manter como a principal praça financeira da Europa.

Para além destas questões, o *Brexit* pode constituir um fator de instabilidade interna, designadamente quanto ao reavivar do tema da independência da Escócia, região onde o voto de permanência na EU alcançou confortável maioria.

Do outro lado do Atlântico, a vitória do representante do Partido Republicano, Donald Trump, veio trazer um clima de grande expectativa, quando não pessimismo, quanto às consequências das políticas a implementar pela nova administração. Para além de questões cujo maior impacto se fará sentir internamente, como, por exemplo, a reformulação do regime de assistência social, a administração Trump parece determinada a encetar uma guerra comercial, fazendo renascer políticas protecionistas há muito erradicadas. E os países alvo são os mais variados, desde menções explícitas à China a referências implícitas à Alemanha. Esta atitude é encarada como uma forte ameaça à globalização, ameaça reforçada pelo facto de surgir num momento em que se questionam em diversos meios, os méritos do processo de eliminação progressiva de barreiras alfandegárias encetado nas últimas décadas, assim como o crescimento do protagonismo dos partidos com mensagens populistas. Digno de destaque, será o facto de uma das primeiras medidas de Trump, tomada no terceiro dia da sua presidência, ter sido a assinatura da ordem executiva que pôs fim à participação dos Estados Unidos na Parceria Transpacífico de comércio livre (TPP), cerimónia transmitida em direto na televisão. Nesse mesmo dia Trump declarou a sua firme intenção de renegociar o tratado comercial entre Estados Unidos, Canadá e México (NAFTA).

A estes dois fenómenos, que certamente dominarão as atenções ao longo de 2017, parece poder juntar-se uma alteração nas políticas expansionistas dos bancos centrais das duas maiores zonas económicas do mundo. Embora em patamares bem distintos, é cada vez mais expectável que as políticas de intervenção chegaram ou chegarão em breve ao fim de um ciclo. Nos EUA, é genericamente aceite que se está no início de um ciclo de subida de taxas de juro, embora cautelosa. Na Europa, que se encontra numa fase bem mais atrasada da recuperação económica, o que se espera é que o Banco Central Europeu vá reduzindo progressivamente os volumes da sua

intervenção na compra de dívida, o que os mercados entendem como um teste à capacidade das economias mais frágeis, como a portuguesa, de aceder aos mercados sem o apoio do BCE.

No seio da União Europeia, o ano de 2016 voltou a evidenciar a ausência de uma estratégia comum nas mais variadas áreas, mantendo-se o desencontro entre os países do Norte e os do Sul, fenómeno que continua a aprofundar o fosso que existe entre as economias desses dois blocos. É de realçar, também, as fragilidades que continuam a registar-se nas instituições bancárias de alguns países, com especial destaque para a Itália, pelo peso que o país tem no conjunto de economia europeia.

2. Conjuntura Nacional

A conjuntura nacional foi fortemente dominada pela incerteza que reinou nos diversos setores em face do inédito modelo de governação instaurado em Portugal, baseado num acordo de incidência parlamentar entre as forças de esquerda. Neste enquadramento, a atividade económica apresentou uma recuperação moderada, ainda assim ligeiramente inferior ao ano anterior. A aceleração da atividade económica registada na segunda metade do ano teve como principal contributo a procura interna, sobretudo na vertente do consumo das famílias em bens não duradouros, se bem que se verificou uma recuperação do investimento no último trimestre. Consequentemente, consolidou-se a tendência de recuperação de emprego e consequente decréscimo da taxa de desemprego.

O sistema bancário português apresentou uma rentabilidade negativa no ano de 2016, em termos agregados, após ter reportado um resultado ligeiramente positivo em 2015. Com a margem financeira sem alterações relevantes, a redução nos resultados do exercício face ao ano anterior ficou essencialmente a dever-se a uma queda expressiva dos resultados com operações financeiras, a que não será alheio o desempenho da dívida pública portuguesa, bem como ao aumento das imparidades decorrente da fraca qualidade das carteiras de crédito e ativos das instituições.

3. Mercados Monetários e Cambiais

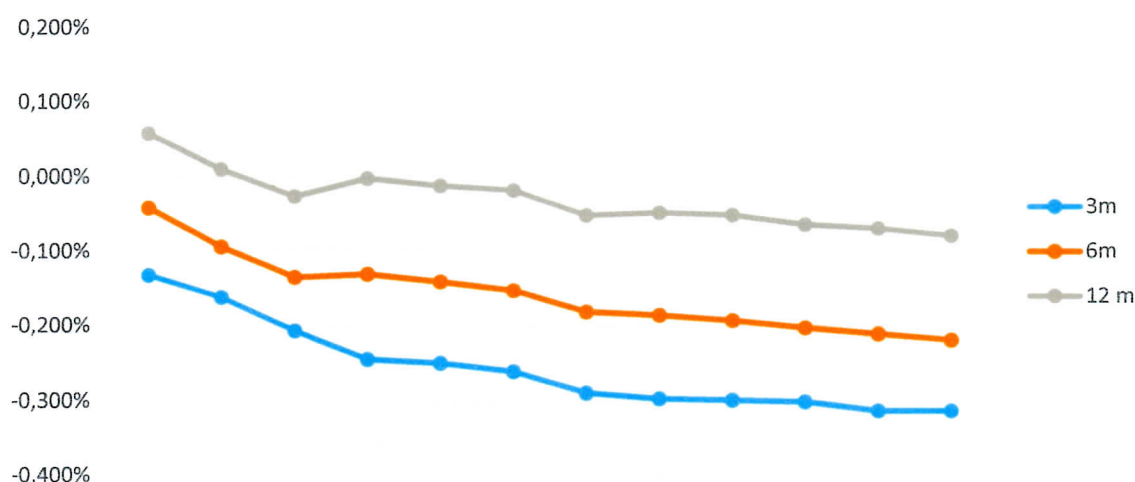
A manutenção por parte do Banco Central Europeu duma política monetária altamente expansionista, que se caracterizou por operações de cedência de liquidez sem limite de montante a taxa zero, reduziu a atividade do mercado interbancário a níveis mínimos.

Adicionalmente, a nova abordagem das instituições financeiras ao risco de contraparte, mesmo no que diz respeito aos seus pares, traz para as instituições financeiras de menor dimensão dificuldades acrescidas no acesso ao mercado interbancário, traduzidas não só nos limites de crédito mais apertados, como também ao nível das taxas de juro, que incorporam um prémio de risco que as afasta de forma significativa das taxas de referência, designadamente a Euribor.

Não se preveem alterações relevantes na política do BCE, pelo que as limitações ao normal funcionamento dos mercados monetários de deverão manter ao longo de 2017.

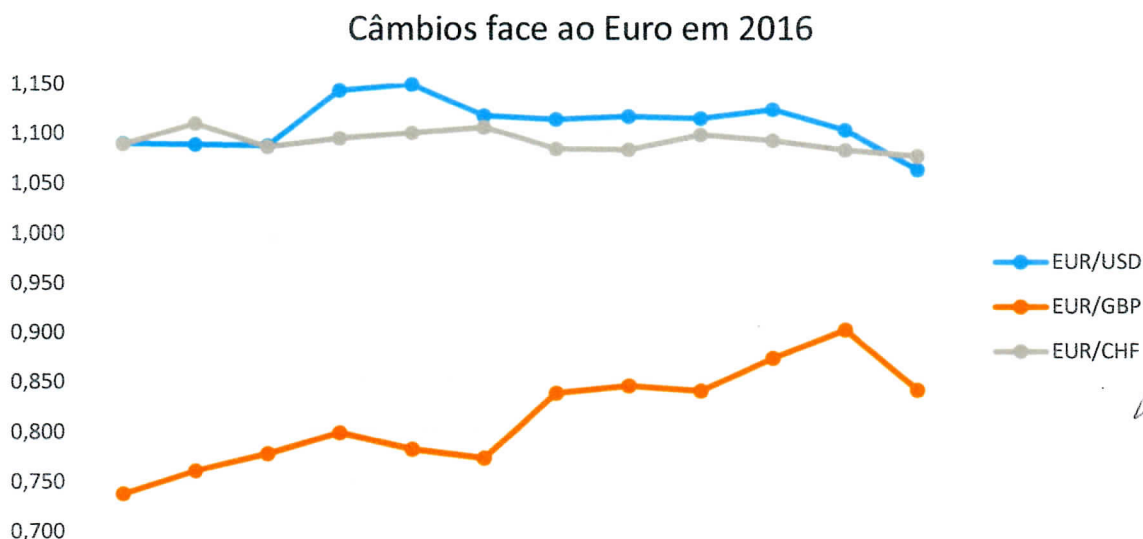
No quadro abaixo apresenta-se a evolução mensal das taxas Euribor ao longo de 2016.

Taxas Euribor em 2016



No que concerne o mercado cambial, alguns temas, para além do *Brexit* e das eleições nos EUA a que já se fez anteriormente referência, tiveram especial influência no desempenho dos mercados, nomeadamente: (i) a situação económica da China. O abrandamento do ritmo de crescimento económico na China fez os mercados antecipar uma redução na procura de matérias primas, o que penalizou as moedas dos países cuja dependência das exportações para a China é significativa; (ii) os níveis de produção de petróleo. Na verdade, a perspetiva da evolução dos preços do petróleo revelou-se muito instável. O ano de 2016 começou com um nível de produção que o mercado encarava como excessiva, exercendo pressão no preço do barril, situação que potencialmente se poderia agravar com o levantamento das sanções ao Irão e consequente aumento da produção a nível global. Os países da OPEP foram tentando diversos acordos de corte na produção, com sucessivos avanços e recuos. A incerteza quanto ao desfecho em termos de produção efetiva continua a afetar a comportamento do mercado; (iii) a expectativa de subida de taxas de juro nos EUA. A deliberação do FED por unanimidade de aumentar as taxas de juro em dezembro de 2015 parecia indicar que 2016 seria o da confirmação da inversão de tendência das taxas do dólar americano, com o mercado a prever pelo menos duas subidas adicionais em 2016. Contudo, a situação da economia chinesa e dados económicos menos robustos, levantaram algumas dúvidas quanto à oportunidade de prosseguir o caminho de taxas mais altas. Esta perspetiva pesou negativamente no dólar. Não obstante, a situação na Europa, com fraco crescimento e dificuldades do sistema financeiro, limitou as perdas do dólar face ao euro. A inação da Europa e a previsível política protecionista da nova administração norte-americana parecem favorecer a moeda americana. No entanto, há que levar em conta o impacto a médio prazo dessas políticas, quer em termos do volume do comércio a nível global, quer quanto às consequências das inevitáveis retaliações dos parceiros comerciais.

No quadro abaixo pode ver-se a evolução do euro ao longo do ano. Os valores apresentados são os câmbios de referência divulgados pelo Banco Central Europeu no primeiro dia de cada mês.



4. Mercado de Capitais

O desempenho dos mercados de capitais no início do ano foi fortemente influenciado pela conjuntura de fraco crescimento económico e baixa inflação. À medida que o tempo decorria, foi-se tornando notória que a inflação dava sinais de vida, empurrando as autoridades monetárias para declaração de óbito do ciclo de baixas taxas de juro. A Reserva Federal terá dado o tiro de partida e o BCE timidamente apontou para abrandamento da política expansionista. Como é expectável em tempos conturbados, os investidores buscam estratégias de mitigação de risco. Contudo, a diversificação de risco afigura-se mais desafiante quando a regulação financeira restringe graus de liberdade em termos de modelos de negócio, quando os produtos financeiros tradicionalmente mais seguros se revelam arriscados, quando se intensifica o uso de produtos privados e quando a perceção de concretização de acontecimentos pouco prováveis aumenta. Os lugares seguros para fuga escasseiam. Estão criadas as condições para canalizar os investimentos para outros mercados, como o mobiliário ou a arte, aguardando maior clareza nos movimentos conjunturais.

De referir ainda, no que respeita aos fundos de investimento, que as subscrições líquidas de resgates voltaram a ser negativas em 2016. O peso deste subsector no PIB português e nas poupanças captadas pelo sistema financeiro é cada vez menor e o número de investidores institucionais a operar no mercado de capitais português continua a ser reduzido. Na gestão individual de carteiras, o número de carteiras geridas é cerca de metade do valor observado antes da crise económica e financeira, o que poderá significar que alguns investidores, sobretudo os de menor dimensão, poderão ter abandonado definitivamente este segmento, seja por falta de confiança, seja porque as suas poupanças se reduziram substancialmente.

5. Factos da vida da Associação

A Direção eleita no final de 2015 tem como principais fatores de orientação estratégica (i) promover a Associação junto da comunidade financeira, (ii) alargar a base de associados e o reforçar a estrutura orgânica da Associação, (iii) dinamizar as ações no âmbito da formação deontológica e técnico-profissional, sem esquecer a vertente lúdica e relacional, e (iv) estreitar o relacionamento da Associação com a ACI/FMA Internacional e as associações nacionais.

Durante o ano de 2016, a Associação promoveu encontros com a Comissão do Mercado de Valores Mobiliários e a Associação Portuguesa de Bancos. Prevê-se que no início de 2017, haja lugar a reuniões com o Banco de Portugal, nomeadamente para discutir o tema do Código de Conduta para o mercado cambial. Refira-se, a propósito, que o tema do Código de Conduta vai merecer especial atenção da Direção nos próximos tempos, em estreita colaboração com a ACI/FMA Internacional.

Na vertente lúdica e relacional, poder-se-ão destacar uma iniciativa em que se convidou os Associados a assistir na sede da Associação aos jogos da seleção portuguesa no Europeu de Futebol e a realização em 22 de setembro dum evento que se designou *Dia do Trader*. Esta iniciativa, que pretendia reunir no terraço da sede da Associação os Associados e alguns convidados especiais numa forma informal, teve uma muito boa adesão, tendo-se registado a participação de cerca de 80 pessoas. Pôde, ainda, contar com a presença do então vice-presidente da ACI/FMA Bruno Langfritz. É intenção desta direção repetir este evento anualmente, na 3.ª quinta-feira de cada mês de setembro.

Como é hábito, decorreu no dia 15 de dezembro o jantar de Natal com os Associados, que este ano contou com o amável patrocínio da Bloomberg. Durante o jantar foi sorteado entre os Associados uma ida ao Congresso da ACI/FMA, a realizar em Dublin no mês maio de 2017, incluindo inscrição, viagem e alojamento.

6. Evolução Económica e Financeira

No ano findo a Associação manteve os critérios de razoabilidade orçamental.

Relativamente ao orçamentado foi registado um valor de despesa inferior ao previsto, designadamente ao nível das despesas de representação, dado que a Associação não se fez representar no Congresso de Jakarta no ano corrente. No que diz respeito à receita, os valores registados foram superiores ao orçamentado, essencialmente devido ao patrocínio do jantar de Natal.

Em termos gerais manteve-se a disciplina financeira que permite que a receita anual cubra a despesa, excluindo as amortizações.

7. Custos / Receitas e Execução Orçamental

Dado que a norma contabilística em vigor reduziu a apresentação do Balanço e Demonstração de Resultados, continuaremos a submeter à apreciação de todos os associados a execução orçamental, onde se detalha os custos e proveitos do ano, por rubricas.

Apresentamos de seguida o Balanço e a Demonstração de Resultados.

Em 2016 foram recuperados 3.239,01€ de impostos. Espera-se que em 2017 essa recuperação seja idêntica.

O resultado final de 2016, é negativo de 10.036,94 €. O montante de amortizações registado no período em curso foi de **11.621,71 €**, pelo que o resultado da actividade é positivo no montante de **€ 1.575,26**.

No que diz respeito à execução orçamental registou-se um desvio positivo global de 3.463,55 € em relação ao valor total de resultados orçamentado, devido essencialmente à referida diminuição das despesas de representação.

EXECUÇÃO ORÇAMENTAL, BALANÇO E DEMOSTRAÇÃO DE RESULTADOS

DESCRIÇÃO	RECEITAS	DESPESAS	RECEITAS	DESPESAS	VARIÇÃO
ORÇAMENTO 2016		EXECUTADO 2016		VARIÇÃO	
Amortizações		11 600,00		11 621,71	21,71
Água		250,00		244,66	-5,34
Electricidade		1 750,00		905,04	-844,96
Seguros		960,00		952,63	-7,37
Calendários		175,00		159,50	-15,50
Quotas Internacionais		4 100,00		3 990,00	-110,00
Minuto Zen		5 800,00		4 605,12	-1 194,88
Vilan - Contabilidade		1 065,00		1 063,97	-1,03
Ofertas de Natal+ (jantar)		4 000,00		4 961,55	961,55
Comunicações, Telefone, TV, CTT		1 200,00		656,06	-543,94
Despesas de Representação		7 500,00		1 303,74	-6 196,26
Conservação e Reparação		1 000,00		2 187,78	1 187,78
Condomínio		5 600,00		6 003,72	403,72
Apoio de Bar		500,00		600,00	100,00
Assessoria à gestão		4 000,00		5 412,00	1 412,00
Impostos		1 910,00		1 864,24	-45,76
- Sobre Imóveis		1 700,00		1 657,11	-42,89
- Esgotos		210,00		207,13	-2,87
Despesas Diversas		750,00		1 640,28	890,28
Quotas	15 000,00		14 700,00		
Juros Dep. Prazo	3 000,00		3 278,75		
Rendas do 7º andar	20 400,00		20 400,00		
Reembolso Jantar	250,00		3 000,00		
SOMAS	38 650,00	52 160,00	41 378,75	48 172,00	
Imposto do Exercício				3 243,69	
Prejuízo do Exercício	13 510,00		10 036,94		
TOTAIS	52 160,00	52 160,00	51 415,69	51 415,69	---

FOREX-ACI PORTUGAL

Data: 2016/12/31

BALANÇO EM 31 de DEZEMBRO de 2016

Unidade Monetária (EUR)

RUBRICAS	NOTAS	DATAS	
		2016	2015
ACTIVO			
Activo não corrente			
Activos fixos tangíveis		4 383,00	5 349,60
Investimentos financeiros		429 756,11	440 411,22
		434 139,11	445 760,82
Activo corrente			
Clientes		3 375,00	525,00
Estado e outros entes públicos		2 676,00	3 239,01
Outros activos correntes			75,00
Caixa e depósitos bancários		238 953,31	239 550,53
		245 004,31	243 389,54
Total do Activo		679 143,42	689 150,36
CAPITAL PRÓPRIO E PASSIVO			
CAPITAL PRÓPRIO			
Resultados transitados		689 150,36	695 119,28
		689 150,36	695 119,28
PASSIVO			
		-10 036,94	-5 968,92
TOTAL DO CAPITAL PRÓPRIO		679 113,42	689 150,36
PASSIVO			
Passivo corrente			
Outras contas a pagar		30,00	
		30,00	
Total do Passivo		30,00	
Total do capital próprio e do passivo		679 143,42	689 150,36

O CONTABILISTA CERTIFICADO

A DIREÇÃO



DEMONSTRAÇÃO DOS RESULTADOS POR NATUREZA

PERÍODO FINDO EM 31 DEZEMBRO 2016

Unidade Monetária (EUR)

RENDIMENTOS E GASTOS	NOTAS	PERÍODOS	
		2016	2015
Quotas dos sócios		14 700,00	15 225,00
Fornecimento e serviços externos		-30 327,69	-25 116,74
Outros rendimentos e ganhos		26 678,76	24 738,34
Outros gastos e perdas		-6 104,24	-6 268,24
Resultado antes de depreciações, gastos de financiamento e impostos:		4 946,83	8 578,36
Gastos/reversões de depreciação e de amortização		-11 621,71	-11 621,71
Resultado operacional (antes de gastos de financiamento e impostos)		-6 674,88	-3 043,35
Juros e gastos similares suportados		-118,37	
Resultado antes de impostos		-6 793,25	-3 043,35
Imposto sobre o rendimento do período		-3 243,69	-2 925,57
Resultado líquido do período		-10 036,94	-5 968,92

O CONTABILISTA CERTIFICADO

A DIREÇÃO



PROPOSTA DE APLICAÇÃO DE RESULTADOS

Face aos valores apresentados,

Propõe-se à Assembleia-geral:

Que o resultado negativo de € 10.036,94 seja levado a Resultados Transitados

Cordiais "Saudações ACI"

Lisboa, 10 de maio 2016

A DIREÇÃO

